

CAMARADAS

MFA
Nueda

Que possibilidades nos restam de vencermos?

Será o espírito de coesão adquirido em alguns meses de clandestinidade, suficiente para nos impôr um sentir comum com a renúncia a convicções pessoais e adopção dum ideário colectivo?

Onde pára o indivíduo?

Nas vigílias pôde criar-se. Nos recreios, nas fugas, nas renúncias soube-se interpretar.

Vivemos um processo fabuloso, historicamente improvável. Tínhamos conosco um passado alicerçado em teorias distorcidas e construído de paredes opacas. Reconstruirmos uma mente esclarecida foi possível em união.

Quando se parte do colectivo, quando se submetem as unidades às conclusões da totalidade, gera-se um processo criador capaz de resistir à apatia, ao desinteresse, à dilapidação, à crítica acerba, à raiva.

Quando se parte do individual corre-se invariavelmente o risco de, pela via do génio, sermos, apesar disso, afundados.

Pudémos criar, em conjunto de idéias e com apoio do um a um, o Programa do MFA.

Todos aí temos a nossa palavra.

Todos nos apoiámos mutuamente, na convicção firme de desencadearmos um processo de Justiça e de Paz.

O Povo Português apercebeu-se do significado maravilhoso do 25 de Abril. Daí os gritos de vitória, daí os cravos, as palmas, os sorrisos, as lágrimas de alegria. O Povo não sentiu dúvidas de que o Programa daqueles militares, era o seu programa.

Mesmo antes de ser lido e proclamado, o Povo Português soube que o Programa do Movimento das Forças Armadas consubstanciava as suas aspirações e garantia o ideal universal de Paz e de Bem-estar.

Nós mesmos, tomados no conjunto que formamos, sentimos uma identidade de pensamento total, uns com os outros e todos com a "esmagadora maioria do Povo Português".

Foi com base neste sentir que se formolou a hipótese do "uso da força" já que não nos restavam dúvidas sobre a interpretação das aspirações e interesses do Povo.

Fomos, todos unidos, os fazedores da Revolução.

No momento em que ouvimos a leitura do Programa, sentimos o desbobinar do ideário que cada um de nós gostaria de ter tido a capacidade de expressar.

AA
155

Estávamos presos, sem apelo, a essas poucas páginas.

O Movimento das Forças Armadas "proclama e compromete-se a garantir a adoção das seguintes medidas". Na paragem inevitável de meditação, tropeçamos pela primeira vez. Garantir tem um significado de extrema acutilância e de incisiva participação. Garantir tem uma necessidade inapelável - a força. Força dos soldados. Mas a força tem um parâmetro - a união. Quando perdermos a união, perdemos a força; Quando perdermos a força deixaremos de poder garantir; Quando deixarmos de poder garantir não interessamos ao Povo. Acaba aí ingloriamente a nossa missão. Seremos substituídos ou ultrapassados.

A maioria dos elementos das Forças Armadas não leu o Programa do Movimento. Documento basilar, lei fundamental, sentir comum das Forças Armadas, ele é, pura e simplesmente, desconhecido.

Que razões concorrem para essa atitude? Únicamente a não-criação. Quem não cria, não ama.

Muitos oficiais ainda vêem no ex-movimento dos capitães um espinho dilacerante, recordação suja duma hierarquia ultrapassada. Não serão capazes jamais de perceberem a distinção entre Movimento dos Capitães e Movimento das Forças Armadas, nem conseguirão esquecer a sua não-participação.

O Programa do MFA será sempre para eles um programa dos capitães, dum grupo, dum canhão e duma pistola. Duns fora da lei, ditando a sua lei.

Enquanto isto suceder duas hipóteses se põem às Forças Armadas:

Ou continuar no marasmo desprestigiante da apoliticidade ou fazer o resto da Revolução.

Não vamos dar exemplos das políticas económica, social e externa que o Programa do MFA preconiza, pois essas só um núcleo muito restrito de oficiais as compreenderam.

Ficámos pela política ultramarina, razão fundamental da Revolução. Aí, há militares feridos na carne e na mente e portanto num esforço maior de apreensão.

Mas os sulcos das deformações biológicas, foram profundamente cavados pela restrição do espaço de vivência. Há mentalidades distorcidas, incapazes de se aperceberem dos valores universais do Homem. Não percebem a cooperação, não percebem o diálogo, não percebem a Justiça e muito menos percebem a Paz. São mentalidades guerreiras, que guerreiam consigo próprias, na ilusão de quererem continuar a guerra. São mentalidades inadapáveis, inúteis e prejudiciais.

As três alíneas da Política Ultramarina do Governo Provisório, medidas